

Capítulo

7

O Uso da Teoria

Em *pesquisa quantitativa*, as hipóteses e as questões de pesquisa são frequentemente baseadas em teorias que o pesquisador procura testar. Na *pesquisa qualitativa*, o uso de teoria é muito mais variado. Assim, este livro introduz o uso da teoria no processo de planejamento porque a teoria fornece uma explicação para as variáveis nas questões e nas hipóteses de pesquisa quantitativa. Em contraste, em uma pesquisa qualitativa, toda uma seção da proposta deve ser dedicada à explicação da teoria para o estudo. Alternativamente, em um estudo qualitativo, o investigador pode gerar uma teoria durante o estudo e colocá-la no final do projeto, como ocorre na teoria baseada na realidade. Em outros estudos qualitativos, ela vem no começo e fornece uma lente que molda o que é visto e as indagações feitas, como ocorre em etnografia ou pesquisa revidicatórias. Na *pesquisa de métodos mistos*, os pesquisadores podem tanto testar teoria quanto gerá-la. Além disso, a pesquisa de métodos mistos pode conter uma lente teórica, como um foco em questões feministas, raciais ou de classe, que orienta todo o estudo.

O capítulo começa focando o uso de teoria em estudo quantitativo. Ele revê uma definição de teoria, seu posicionamento em um estudo quantitativo e as formas alternativas que ela pode assumir em um plano escrito. Depois se apresentam os procedimentos para identificar uma teoria, seguidos por um “roteiro” de uma seção de “perspectiva teórica” da proposta de pesquisa quantitativa. Depois a discussão passa para o uso de teoria em um estudo qualitativo. Investigadores qualitativos usam termos diferentes, como teorias, padrões e generalizações naturalistas, para descrever o entendimento desenvolvido em seus estudos. Algumas vezes, esses entendimentos ocorrem no começo de um estudo; outras vezes, aparecem no final. Há exemplos das alternativas disponíveis para os pesquisadores qualitativos. Finalmente, o capítulo volta-se para o uso de teorias em estudos de métodos mistos e o uso de teoria em um tipo de estratégia de investigação – a estratégia transformadora – que surgiu recentemente na literatura.

Uso de teoria quantitativa

Definição de teoria

Na *pesquisa quantitativa*, existe algum precedente histórico para ver a teoria como uma previsão ou uma explicação científica (ver G. Thomas, 1997, para diferentes formas de conceitualizar teorias e como elas podem restringir o pensamento). Por exemplo, uma definição de teoria, como a de Kerlinger (1989), ainda é válida hoje. Uma teoria é “um conjunto de construções inter-relacionadas (variáveis), de definições e de proposições, o qual apresenta uma visão sistemática dos fenômenos ao especificar as relações entre as variáveis com o objetivo de explicar os fenômenos naturais” (p. 64).

Nesta definição, uma teoria é um conjunto inter-relacionado de construções (ou variáveis), moldado em proposições ou hipóteses, que especificam a relação entre as variáveis (geralmente em termos de magnitude ou direção). A visão sistêmica pode ser um argumento, uma discussão ou uma base e ajuda a explicar (ou prever) os fenômenos que ocorrem no mundo. Labovitz e Hagedorn (1971) acrescentam a essa definição a idéia de uma *base teórica*, que eles definem como “especificar como e por que as variáveis e as declarações relacionais são inter-relacionadas” (p. 17). Por que uma variável independente X iria influenciar ou afetar uma variável dependente Y? A teoria dá uma explicação para essa expectativa ou previsão. A discussão sobre essa teoria, então, apareceria em uma seção da proposta intitulada *base de teoria*, *base teórica* ou *perspectiva teórica*. Eu prefiro o termo *perspectiva teórica*, pois ele tem sido popularmente usado como uma seção necessária em uma proposta de pesquisa quando alguém submete um pedido para apresentar um trabalho de pesquisa na conferência da American Educational Research Association (Associação Norte-Americana de Pesquisa Educacional).

A metáfora do arco-íris pode ajudar a visualizar como uma teoria opera. Suponha que o arco-íris ligu as variáveis independentes às variáveis dependentes (ou construções) em um estudo. O arco-íris, então, junta as variáveis e dá uma explicação global sobre *como e por que* alguém espera que a variável independente explique ou preveja a variável dependente.

As teorias desenvolvem-se quando os pesquisadores testam uma previsão muitas vezes. Lembre-se de que os investigadores combinam variáveis independentes, intervenientes e dependentes, com base em diferentes formas de medidas, em hipóteses ou questões de pesquisa. Essas hipóteses ou questões dão informações sobre o tipo de relação (positiva, negativa ou desconhecida) e sua magnitude (por exemplo, alta ou baixa). A hipótese deve ser escrita como “quanto maior a centralização de poder nos líderes, tanto maior a privação do direito dos seguidores”. Quando os pesquisadores testam hipóteses como essa repetidas vezes em diferentes ambientes e com diferentes populações (por exemplo, os escoteiros, uma igreja presbiteriana, o Rotary Club e um grupo de alunos do ensino médio), surge uma teoria e alguém lhe dá um nome (por exemplo, teoria da atribuição). Assim, a

teoria se desenvolve como uma explicação para avançar o conhecimento em determinadas áreas (G. Thomas, 1997).

Outro aspecto das teorias é que elas variam em amplitude e cobertura. Neuman (2000) revê as teorias em três níveis: nível micro, nível médio e nível macro. As teorias de nível micro dão explicações limitadas para pequenos segmentos de tempo, espaço ou número de pessoas, como a teoria de Goffman de "trabalho do rosto", que explica como as pessoas se engajam em rituais durante interações face a face. As teorias de nível médio associam os níveis micro e macro. Essas são teorias de organizações, de movimentos sociais ou de comunidades, como a teoria de Collins sobre controle nas organizações. As teorias em nível macro explicam agregados maiores, como instituições sociais, sistemas culturais e sociedades inteiras. A teoria de nível macro de Lenski da estratificação social, por exemplo, explica como a quantidade de excedente que uma sociedade produz aumenta com o desenvolvimento dela.

As teorias são encontradas nas disciplinas de ciências sociais de psicologia, sociologia, antropologia, educação e economia, além de em vários subcampos. Para localizar material e ler sobre essas teorias é necessário pesquisar bancos de dados de literatura (por exemplo, *Psychological Abstracts*, *Sociological Abstracts*) ou revistas de literatura sobre teorias (por exemplo, ver Webb, Beals e White, 1986).

Forma das teorias

Os pesquisadores expõem suas teorias de diversas maneiras, podendo ser uma série de hipóteses, declarações lógicas "se... então" ou modelos gráficos. Primeiro, alguns pesquisadores apresentam teorias na forma de hipóteses interconectadas. Por exemplo, Hopkins (1964) comunicou sua teoria de processos de influência como uma série de 15 hipóteses (ligeiramente alteradas para remover os pronomes especificamente masculinos). Para qualquer membro de um pequeno grupo, algumas hipóteses são:

1. Quanto mais alto o posto dela, maior sua centralidade no grupo.
2. Quando maior a centralidade dele, maior sua sensibilidade.
3. Quanto mais alto o posto dela, maior sua visibilidade.
4. Quanto maior a centralidade dele, maior sua conformidade.
5. Quanto mais alto o posto dela, maior sua conformidade.
6. Quanto maior sua visibilidade, maior sua conformidade.
7. Quanto maior sua conformidade, maior sua visibilidade. (p. 51)

Uma segunda forma é expor a teoria como uma série de declarações "se... então", que expliquem por que se espera que as variáveis independentes in-

fluenciem ou causem as variáveis dependentes. Por exemplo, Homans (1950) explica a teoria da interação:

Se a frequência de interação entre duas ou mais pessoas aumenta, o grau de estima de uma pela outra vai aumentar, e vice-versa... pessoas que têm sentimentos de estima uma pela outra vão expressar esses sentimentos em atividades além e acima das atividades do sistema externo, e essas atividades podem fortalecer ainda mais os sentimentos de estima. Quanto mais frequentemente as pessoas interagem umas com as outras, mais parecidas elas tendem a se tornar em alguns aspectos tanto de suas atividades como de seus sentimentos. (p. 112, 118, 120)

Terceiro, um autor pode apresentar uma teoria como um modelo gráfico. É útil traduzir variáveis em quadros visuais. Blalock (1969, 1985, 1991) defende a modelagem causal e remodela as teorias verbais em modelos causais, de forma que o leitor possa visualizar as interconexões das variáveis.

Dois exemplos simplificados são apresentados aqui. Como mostrado na Figura 7.1, três variáveis independentes influenciam uma única variável dependente, mediada pela influência de duas variáveis intervenientes. Montar um diagrama como este mostra a possível sequência causal entre as variáveis, levando à modelagem analítica de percurso e à análise mais avançadas, usando medidas múltiplas de variáveis conforme encontrado na modelagem de equação estrutural (ver

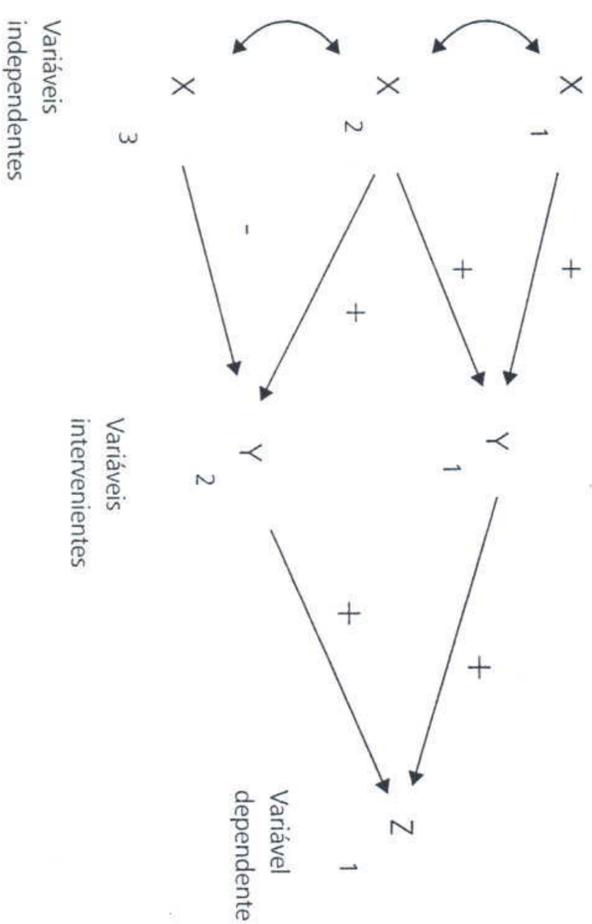


Figura 7.1 Três variáveis independentes influenciando uma única variável independente mediada por duas variáveis intervenientes.

Posicionamento de teorias quantitativas

Nos estudos *quantitativos*, usamos a teoria dedutivamente e a posicionamos no começo do plano de um estudo. Com o objetivo de testar ou verificar uma teoria ao lugar de desenvolvê-la, o pesquisador apresenta uma teoria, coleta dados para testá-la e reflete sobre a confirmação ou não-confirmação da teoria pelos resultados. A teoria torna-se uma estrutura para todo o estudo, um modelo organizador para questões e hipóteses de pesquisa e para o procedimento de coleta de dados. O modelo dedutivo de pensamento usado em um estudo quantitativo é mostrado na Figura 7.4. O pesquisador testa ou verifica uma teoria ao examinar hipóteses ou questões derivadas da teoria. Essas hipóteses ou questões contêm variáveis (ou construções) que o pesquisador precisa definir. Alternativamente, uma definição aceitável pode ser encontrada na literatura. A partir desse ponto, o investigador localiza um instrumento para usar na mensuração ou na observação das atitudes ou nos comportamentos dos participantes em um estudo. Depois, o investigador coleta os escores desses instrumentos para confirmar ou não a teoria.

Esta técnica dedutiva de pesquisa no método quantitativo tem implicações para o *posicionamento da teoria* em um estudo de pesquisa quantitativa (ver Tabela 7.1). A orientação geral é colocar a teoria no começo do projeto ou estudo. Isso significa que o pesquisador a apresenta na introdução, na seção de revisão de literatura, imediatamente após as hipóteses ou as questões de pesquisa (como uma base para as conexões entre as variáveis) ou em uma seção separada do estudo. Cada posição tem vantagens e desvantagens.

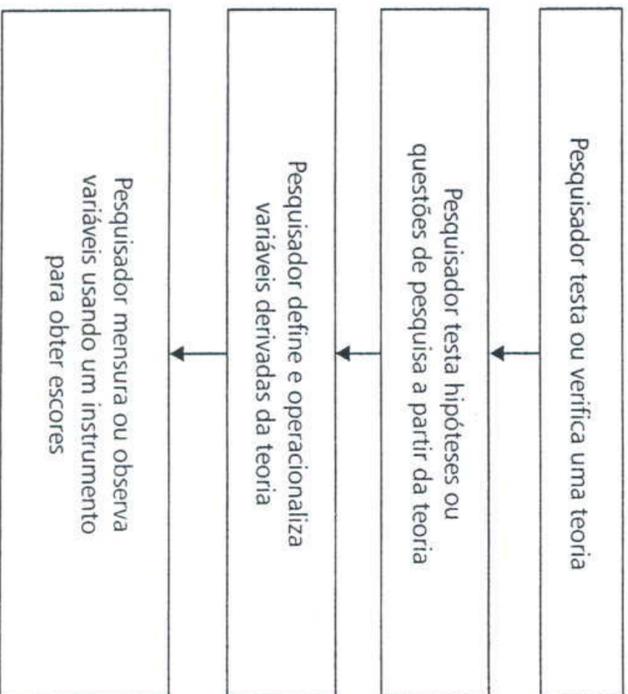


Figura 7.4 O método dedutivo geralmente usado na pesquisa quantitativa.

Tabela 7.1 Opções para posicionar a teoria em um estudo quantitativo

Posição	Vantagens	Desvantagens
Na introdução	Técnica sempre encontrada em artigos de periódico, será familiar para os leitores. Transmite um método dedutivo.	É difícil para um leitor isolar e separar a base teórica de outros componentes do processo de pesquisa.
Na revisão de literatura	As teorias são encontradas na literatura, e sua inclusão em uma revisão de literatura é uma extensão lógica ou parte da literatura.	É difícil para um leitor ver a teoria isolada da revisão acadêmica da literatura.
Depois das hipóteses ou questões de pesquisa	A discussão da teoria é uma extensão lógica das hipóteses ou questões de pesquisa porque explica como e por que as variáveis são relacionadas.	Um escritor pode incluir uma base teórica depois da hipótese e da questão e omitir uma discussão extensa sobre a origem e o uso da teoria.
Em uma seção separada	Esta técnica separa claramente a teoria dos outros componentes do processo de pesquisa e permite ao leitor identificar e entender melhor a base teórica do estudo.	A discussão de teoria fica isolada dos outros componentes do processo de pesquisa e, como tal, um leitor pode não conectá-la facilmente aos outros componentes do processo de pesquisa.

Eu prefiro colocar a teoria em uma seção separada, de forma que os leitores possam distinguir claramente a teoria dos outros componentes do processo de pesquisa. Essa passagem separada dá uma explicação completa da seção de teoria, de seu uso e de como ela se relaciona com o estudo que estou propondo.

Um modelo para redigir a perspectiva teórica quantitativa

Usando essas idéias, apresento a seguir um modelo para redigir uma seção de perspectiva teórica quantitativa em um plano de pesquisa. Suponha que a tarefa é identificar uma teoria que explique a relação entre as variáveis independentes e dependentes. Pode-se usar o procedimento que segue:

1. Procure uma teoria na literatura do campo em estudo. Se as unidades de análise das variáveis forem pessoas, procure na literatura de psicologia; para estudar grupos ou organizações, verifique a literatura sociológica. Se o projeto examinar pessoas e grupos, considere a literatura de psicologia social. Evidentemente, as teorias de outras disciplinas também podem ser úteis (por exemplo, para estudar uma questão econômica, a teoria pode ser encontrada em economia).
2. Verifique também os estudos anteriores que abordaram o tópico ou um tópico bastante relacionado com ele. Que teorias foram usadas por ou-

tros autores? Limite o número de teorias e tente identificar *uma teoria abrangente* que explique a hipótese ou a questão de pesquisa central no estudo.

3. Como mencionado anteriormente, faça a pergunta *arco-íris*, que liga as variáveis independente e dependente: por que a(s) variável(is) independente(s) influencia(m) as variáveis dependentes?

4. Faça um roteiro da seção de teoria. Siga essas sentenças guias: "A teoria que vou usar será _____ (nome da teoria). Ela foi desenvolvida por _____ (identifique a origem ou a fonte da teoria) e usada para estudar _____ (identifique os tópicos nos quais se encontra a teoria sendo aplicada). Essa teoria indica que _____ (identifique as proposições ou as hipóteses da teoria). Conforme aplicada em meu estudo, essa teoria significa que espero que minha(s) variável(is) independente(s) _____ (informe as variáveis independentes) influencie(m) ou explique(m) a(s) variável(is) dependente(s) _____ (informar as variáveis dependentes) porque _____ (dê uma explicação baseada na lógica da teoria)."

Assim, os tópicos que devem ser incluídos em uma discussão de teoria quantitativa são teoria a ser utilizada, hipóteses ou proposições centrais da teoria, informação quanto à utilização anterior da teoria e sua aplicação, e declarações que espelhem como a teoria relaciona-se com o estudo proposto. Esse modelo está ilustrado no exemplo de Crutchfield (1986) a seguir:

Exemplo 7.1 Uma seção de teoria quantitativa

Crutchfield (1986) escreveu uma tese de doutorado intitulada *Locus of Control, Interpersonal Trust, and Scholarly Productivity*. Pesquisando educadores de enfermagem, o objetivo dela era determinar se o locus de controle e confiança interpessoal afetava os níveis de publicações do corpo docente. A dissertação dela incluiu uma seção separada no capítulo de abertura intitulada "Perspectiva teórica". Essa seção é apresentada a seguir, incluindo os seguintes pontos:

- a teoria que ela planejava usar;
- as hipóteses centrais da teoria;
- informações sobre quem usou a teoria e sua aplicabilidade;
- uma adaptação da teoria para as variáveis em seu estudo usando a lógica "se... então".

Aqui está uma seção do estudo dela, reproduzida na íntegra. Acrescentei as anotações (em negrito) para marcar as passagens principais.

Perspectiva teórica

Na formulação de uma perspectiva teórica para estudar a produtividade acadêmica do corpo docente, a teoria do aprendizado social é um protótipo útil. Essa concepção de comportamento tenta atingir uma síntese equilibrada de psicologia cognitiva com os princípios de modificação do comportamento (Bower e Hilgard, 1981). Basicamente, essa estrutura teórica unificada "aborda a explicação do comportamento humano em termos de uma interação contínua (recíproca) entre determinantes cognitivos, comportamentais e ambientais" (Bandura, 1977, p. vii). **(A autora identifica a teoria utilizada para o estudo).**

Embora a teoria do aprendizado social aceite a aplicação de reforços como princípios de moldagem, ela tende a ver o papel das recompensas como transmissor de informações sobre a resposta ideal e como fornecedor de incentivo motivador para um determinado ato devido à recompensa esperada. Além disso, os princípios de aprendizado desta teoria dão ênfase especial aos papéis importantes desempenhados pelos processos substitutivos, simbólicos e autorreguladores (Bandura, 1971).

A teoria do aprendizado social não apenas lida com o aprendizado, mas busca descrever como um grupo de competências sociais e pessoais (chamado personalidade) pode desenvolver-se a partir de condições sociais dentro das quais o aprendizado ocorre. Ela também aborda técnicas de avaliação de personalidade (Mischel, 1968) e modificação de comportamento em ambientes clínico e educacional (Bandura, 1977; Bower e Hilgard, 1981; Rotter, 1954). **(A autora descreve a teoria do aprendizado social).**

Além disso, os princípios da teoria do aprendizado social foram aplicados a um vasto leque de comportamento social, como competitividade, agressividade, papéis sexuais, desvios e comportamento patológico (Bandura e Walters, 1963; Bandura, 1977; Mischel, 1968; Miller e Dollard, 1941; Rotter, 1954; Staats, 1975). **(A autora descreve o uso da teoria).**

Ao explicar a teoria do aprendizado social, Rotter (1954) indicou que devemos considerar quatro classes de variáveis: comportamento, expectativas, reforço e situações psicológicas. Foi proposta uma fórmula geral para comportamento que expressa: "O potencial para que o comportamento ocorra em qualquer situação psicológica específica é função da expectativa de que o comportamento irá resultar em um reforço particular daquela situação e do valor desse reforço" (Rotter, 1975, p. 57).

A expectativa, dentro da fórmula, refere-se ao grau percebido da certeza (ou probabilidade) de que geralmente existe uma relação causal entre comportamento e recompensas. Essa construção de expectativa generalizada foi definida como locus *interno* de controle quando uma pessoa acredita que reforços são uma função de comportamento específico ou um locus *externo* de controle

quando os efeitos são atribuídos à sorte, ao destino ou a outros fatores poderosos. As percepções de relações causais não precisam ser posições absolutas; ao contrário, elas tendem a ter graus variados ao longo de uma linha contínua, dependendo das experiências prévias e das complexidades situacionais (Rotter, 1966). **(A autora explica as variáveis na teoria).**

Na aplicação da teoria do aprendizado social a este estudo de produtividade acadêmica, as quatro classes de variáveis identificadas por Rotter (1954) serão definidas da seguinte maneira:

1. Produtividade acadêmica é o comportamento ou a atividade desejada.
2. Locus de controle é a expectativa generalizada de que as recompensas dependem ou não de comportamentos específicos.
3. Reforços são as recompensas do trabalho acadêmico e o valor associado a essas recompensas.
4. A instituição educacional é a situação psicológica que proporciona muitas das recompensas da produtividade acadêmica.

Com essas variáveis específicas, a fórmula para comportamento desenvolvida por Rotter (1975) seria adaptada da seguinte maneira: o potencial para o comportamento acadêmico ocorrer dentro de uma instituição educacional é uma função da expectativa de que essa atividade resulte em recompensas específicas e do valor que os membros do corpo docente dão a essas recompensas. Além disso, a interação de confiança interpessoal com locus de controle deve ser considerada em relação à expectativa de conseguir recompensas através de comportamentos, como recomendado nas declarações subsequentes de Rotter (1967). Por fim, certas características, como preparo educacional, idade cronológica, bolsas pós-doutorado, estabilidade ou dedicação em período integral e meio período, podem ser associadas à produtividade acadêmica do corpo docente de enfermagem de maneira similar àquela vista em outras disciplinas **(A autora aplicou o conceito a seu estudo).**

As declarações que seguem representam a lógica implícita no projeto e na condução deste estudo. Se o corpo docente acredita que: (a) seus esforços e suas ações para produzir trabalhos acadêmicos vão gerar recompensas (locus de controle), (b) pode-se confiar que as pessoas vão cumprir suas promessas (confiança interpessoal), (c) as recompensas pela atividade acadêmica valem a pena (valor da recompensa) e (d) as recompensas existem em sua disciplina ou instituição (ambiente institucional), então vão ser atingidos altos níveis de produtividade acadêmica (p. 12-16). **(A autora concluiu com a lógica "se... então" para relacionar as variáveis independentes às variáveis dependentes).**

Uso da teoria qualitativa

Variação no uso da teoria em pesquisa qualitativa

Pesquisadores qualitativos usam a teoria em seus estudos de várias formas. Eles empregam teoria como uma explicação ampla, de forma bem parecida com a da pesquisa *quantitativa*. Essa teoria dá uma *explicação* para comportamentos e atitudes e pode ser completada com variáveis, construções e hipóteses. Por exemplo, os etnógrafos empregam temas culturais ou "aspectos da cultura" (Wolcott, 1999, p. 113) para estudar em seus projetos qualitativos. Esses temas podem ser, por exemplo, controle social, linguagem, estabilidade e mudança ou organização social, como parentesco ou famílias (ver a discussão de Wolcott, 1999, sobre textos que abordam tópicos culturais em antropologia). Os temas neste contexto fornecem uma série de hipóteses prontas para serem testadas a partir da literatura. Embora os pesquisadores possam não se referir a elas como teorias, elas dão explicações amplas que os antropólogos usam para estudar o comportamento de compartilhar cultura e atitudes das pessoas.

Alternativamente, os pesquisadores qualitativos usam cada vez mais *lentes* ou *perspectivas teóricas* para guiar seu estudo e levantar questões de gênero, classe e raça (ou uma combinação entre elas) que gostariam de abordar. É fácil constatar que a pesquisa qualitativa dos anos 80 passou por uma transformação, ampliando seu escopo de investigação para incluir essas lentes teóricas. Essas são as teorias mencionadas anteriormente neste livro, contidas no Capítulo 1. Elas fornecem uma lente (até mesmo uma teoria) para guiar os pesquisadores em relação às questões que são importantes e devem ser examinadas (por exemplo, marginalização, delegação de poder) e às pessoas que precisam ser estudadas (por exemplo, mulheres, sem-teto, minorias). Elas também indicam como o pesquisador se posiciona no estudo qualitativo (por exemplo, isento ou influenciado pelos contextos pessoal, cultural e histórico) e como a narrativa final deve ser escrita (por exemplo, sem marginalizar ainda mais as pessoas, colaborando com os participantes). Em estudos etnográficos críticos, os pesquisadores começam com uma teoria que informa seus estudos. Essa teoria causal pode ser uma teoria de emancipação ou repressão (J. Thomas, 1993). Rossman e Rallis (1998) descrevem, em poucas palavras, o sentido da teoria como perspectivas críticas e pós-modernas na investigação qualitativa:

À medida que o final do século XX se aproxima, a ciência social tradicional sofre cada vez mais investigações e ataques à medida que aqueles que adotam perspectivas críticas e pós-modernas desafiam suas posições objetivas e normas tradicionais para a condução de pesquisa. Existem quatro noções inter-relacionadas que são fundamentais para esse ataque: (a) a pesquisa fundamentalmente envolve questões de poder; (b) o relatório de pesquisa não é transparente, sendo de autoria de um indivíduo orientado por raça, gênero, classe e orientação política; (c) raça, classe e gênero são cruciais para entender a experiência; (d) a

pesquisa histórica e tradicional silenciou os membros de grupos oprimidos e marginalizados. (p. 66)

À parte desta orientação teórica estão os estudos qualitativos, nos quais a teoria (ou alguma outra explicação ampla) torna-se o *ponto final* de um estudo. É um processo indutivo, que parte dos dados para temas amplos até um modelo generalizado ou teoria (ver Punch, 1998). A lógica da técnica indutiva é mostrada na Figura 7.5. O pesquisador começa reunindo informações detalhadas dos participantes e separa essas informações em categorias ou temas. Essas temas ou categorias são desenvolvidos em padrões amplos, teorias ou generalizações, que são, então, comparados com experiências pessoais ou com a literatura existente sobre o assunto.

O desenvolvimento de temas e categorias em padrões, teorias ou generalizações sugere um ponto final variado para estudos qualitativos. Por exemplo, em pesquisa com estudo de caso, Stake (1995) refere-se a uma afirmação como uma generalização proposicional – o resumo das interpretações e alegações do pesquisador – à qual se acrescentam as experiências pessoais do pesquisador, chamadas “generalizações naturalistas” (p. 86). Em outro exemplo, a teoria ba-

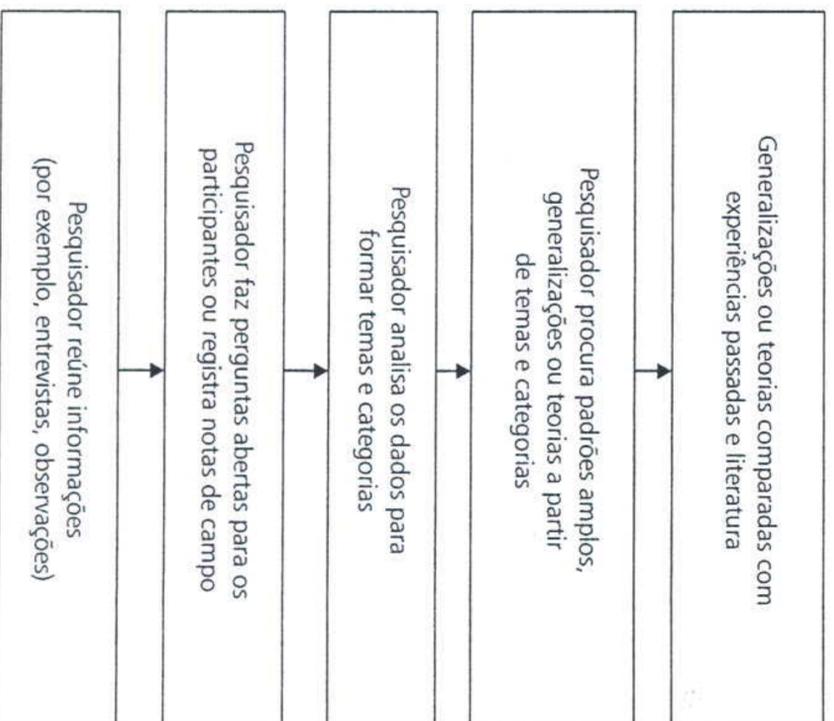


Figura 7.5 A lógica indutiva de pesquisa em um estudo qualitativo.

seada na realidade fornece um ponto final diferente. Os investigadores esperam descobrir uma teoria que seja baseada em informações dos participantes (Strauss e Corbin, 1998). Lincoln e Guba (1985) referem-se a “teorias-padrão” como uma explicação que se desenvolve durante a pesquisa naturalista ou qualitativa. Ao contrário da forma dedutiva encontrada nos estudos quantitativos, essas “teorias-padrão” ou “generalizações” representam pensamentos interconectados ou partes associadas a um todo. W. L. Neuman (1991) dá informações adicionais sobre “teorias-padrão”:

A teoria-padrão não enfatiza raciocínio dedutivo lógico. Assim como a teoria causal, ela contém um conjunto interconectado de conceitos e relações, mas não exige declarações causais. Ao contrário, a teoria-padrão usa metáforas ou analogias de modo que a relação “faça sentido”. As teorias-padrão são sistemas de idéias que proporcionam informações. Os conceitos e as relações dentro delas formam um sistema fechado, mutuamente reforçado. Elas especificam uma seqüência de fases, ou associam partes a um todo. (p. 38)

Finalmente, alguns estudos qualitativos *não empregam nenhuma teoria explícita*. Porém, pode-se dizer que nenhum estudo qualitativo começa com observação pura e que a estrutura conceitual anterior, composta de teoria e método, é o ponto de partida para todas as observações (Schwandt, 1993). Ainda assim, vemos estudos qualitativos que não contêm nenhuma orientação teórica *explícita*, como na fenomenologia, na qual o investigador tenta construir a essência da experiência dos participantes (por exemplo, ver Riemen, 1986). Nesses estudos, o investigador constrói uma descrição rica e detalhada de um fenômeno central.

Meus conselhos para uso da teoria em propostas qualitativas são:

- decida se a teoria deve ser usada na proposta qualitativa;
- se for usada, identifique como a teoria será usada no estudo – como uma explicação inicial, como um ponto final ou como uma lente reivindicatória;
- posicione a teoria na proposta de maneira consistente com seu uso.

Localizar a teoria ou o padrão em pesquisa qualitativa

A maneira como a teoria é usada afeta seu posicionamento em um estudo qualitativo. Em estudos com um tema cultural ou uma lente teórica, a teoria ocorre nas passagens de abertura do estudo. Consistente com o projeto emergente de investigação qualitativa, a teoria pode aparecer no começo e ser modificada ou ajustada com base nas visões dos participantes. Mesmo nos projetos qualitativos mais orientados para teoria, como em etnografia crítica, Lather (1986) qualifica o uso da teoria:

Construir teoria empiricamente baseada exige uma relação recíproca entre dados e teoria. Deve-se permitir que os dados gerem proposições de maneira dialética, que permita o uso de estruturas teóricas *a priori*, mas que evite que uma determinada estrutura torne-se o recipiente no qual os dados devem ser despejados. (p. 267)

Exemplo 7.2 Um exemplo do uso da teoria no início de um estudo qualitativo

Murguía, Padilla e Pavel (1991) estudaram a integração de 24 alunos hispânicos e norte-americanos indígenas no sistema social de um *campus* universitário. Eles estavam curiosos sobre como a etnia influenciava a integração social e começaram relacionando as experiências dos participantes a um modelo teórico, o modelo Tinto de integração social. Eles achavam que o modelo tinha sido “conceitualizado de forma incompleta e, como consequência, definia e mensurava imprecisamente” (p. 433).

Assim, o modelo não estava sendo testado no estudo da forma como seria em um projeto quantitativo; ele estava sendo modificado no estudo. No final do estudo, os autores refinaram o modelo Tinto e apresentaram suas modificações, que descreviam a radicação e as funções da etnia. Em contraste com esse método, nos estudos qualitativos com um ponto final de uma teoria (por exemplo, uma teoria baseada na realidade), um padrão ou uma generalização, a teoria surge no final do estudo. Essa teoria pode ser apresentada como um diagrama lógico, uma representação gráfica das relações entre conceitos.

Exemplo 7.3 Uma teoria no final de um estudo qualitativo

Usando um banco de dados norte-americano de 33 entrevistados com diretores de departamento acadêmicos, nós (Creswell e Brown, 1992) desenvolvemos uma teoria baseada na realidade, inter-relacionando as variáveis (ou categorias) da influência do diretor no desempenho acadêmico do corpo docente. A seção de teoria entrou no artigo como a última seção, na qual os autores apresentavam um modelo visual da teoria desenvolvida indutivamente a partir de categorias de informações fornecidas pelos entrevistados. Além disso, os autores também apresentaram hipóteses direcionais que foram um resultado lógico do modelo. Ademais, na seção de modelo e hipóteses, os autores compararam seus resultados com os resultados de outros estudos e de especulações teóricas na literatura. Por exemplo, os autores declararam:

Esta proposição e suas subproposições representam evidências não-usuais, até mesmo contrárias, às nossas expectativas. Contrariando a proposição 2.1,

esperávamos que os estágios da carreira fossem similares não no tipo de questão, mas no âmbito das questões. Ao contrário disso, descobrimos que as questões do corpo docente pós-estabilidade cobriam quase todos os problemas possíveis na lista. Por que as necessidades deste grupo deveriam ser mais amplas? A literatura de produtividade de pesquisa sugere que o desempenho de pesquisa de uma pessoa não declina com a conquista da estabilidade (Holley, 1977). Talvez as metas de carreira difusas do corpo docente com estabilidade expandam as possibilidades para “tipos” de questão. De qualquer forma, essa subproposição concentra sua atenção no grupo de carreira pouco estudado que Furniss (1981) lembra que precisamos examinar com mais detalhes. (p. 58)

Como mostra o exemplo, desenvolvemos um modelo visual que inter-relaciona as variáveis, derivamos este modelo indutivamente a partir de comentários dos informantes e colocamos o modelo no final do estudo, no qual suas proposições centrais podem ser contrastadas com as teorias e com a literatura existentes.

Uso de teoria em métodos mistos

Estudos de métodos mistos podem incluir teoria dedutivamente, em teste e verificação de teoria, ou indutivamente, como em uma teoria emergente ou padrão. Em qualquer situação, o uso da teoria pode ser dirigido pela ênfase da pesquisa de métodos mistos em métodos quantitativos ou qualitativos. Outra forma de pensar sobre a teoria em pesquisa de métodos mistos é o uso de uma *lente ou perspectiva teórica* para guiar o estudo. Aqui temos informações limitadas sobre os procedimentos envolvidos no uso de lente teórica para estudar gênero, raça/etnia/deficiência, orientação sexual e outras bases de diversidade (Mertens, 2003). Diversos autores, porém, deram início à discussão.

Os primeiros foram Greene e Caracelli (1997), que mencionaram o uso de um “projeto transformador” como uma forma distinta de pesquisa de métodos mistos. O projeto deu primazia à pesquisa orientada para ação, baseada em valores, como na pesquisa de ação participatória e técnicas de delegação de poder. Nesse projeto, eles sugerem combinar os comprometimentos de valor de diferentes tradições em pesquisa (por exemplo, livre de tendenciosidade em pesquisa quantitativa e conduzido por tendenciosidade em pesquisa qualitativa), o uso de métodos diversificados e foco em soluções de ação em pesquisa. Infelizmente, eles não especificam os procedimentos envolvidos na incorporação dessa perspectiva teórica na prática de pesquisa.

Mais informações sobre procedimentos apareceram em um capítulo escrito por Creswell, Plano Clark, Gutmann e Hanson (2003). Eles identificam o uso de perspectivas teóricas como perspectivas feministas de gênero; perspectivas cultu-

rais/raciais/étnicas, perspectivas de estilo de vida, perspectivas críticas e perspectivas de classe e posição social. Na visão de Creswell e colaboradores, essas perspectivas representam uma das decisões mais importantes a serem tomadas na seleção de estratégias de métodos mistos. Eles também desenvolvem modelos visuais dessas estratégias para técnicas de métodos sequenciais e simultâneos e indicam alguns pontos fortes e pontos fracos (por exemplo, é atraente para os interessados na mudança, apesar das discussões limitadas sobre procedimento) (ver também Capítulo 11 deste livro).

Mertens (2003) continua a discussão. Como destacado no Quadro 7.1, ela defende a importância das lentes teóricas na pesquisa de métodos mistos. Ao detalhar um “paradigma transformador/emancipatório” e procedimentos específicos, ela enfatiza o papel que os valores desempenham no estudo de questões feministas, étnicas/raciais e de deficiência. Sua “teoria transformadora” é um termo guarda-chuva para pesquisa emancipatória, antidiscriminatória, participativa, freiriana, feminista, racial/étnica, para pessoas com deficiências e para todos os grupos marginalizados. Mertens identifica a implicação dessas teorias transformadoras para a pesquisa de métodos mistos. Ela envolve a integração da metodologia transformadora-emancipatória em todas as fases do processo de pesquisa. Lendo as questões no Quadro 7.1, entendemos a importância de estudar questões de discriminação e opressão e de reconhecer a diversidade entre os participantes do estudo. Essas questões também dizem respeito a tratar os indivíduos respeitosa e duramente durante a reunião e a comunicação da coleta de dados e durante o relato de resultados que gerem mudanças nos processos e nas relações sociais.

Ao usar teoria em uma proposta de métodos mistos:

- determine se a teoria deve ser usada;
- identifique seu uso de acordo com as técnicas quantitativa ou qualitativa;
- se a teoria for usada como em uma estratégia investigatória de transformação, defina essa estratégia e discuta os pontos em que as idéias emancipatórias serão usadas no estudo proposto.

Exemplo 7.4 *Um estudo transformador-emancipatório de métodos mistos*

Hopson, Lucas e Peterson (2000) estudaram questões em uma comunidade urbana, predominantemente afro-americana, de portadores de HIV/AIDS. Consistente com a estrutura transformadora-emancipatória, eles examinaram a linguagem dos participantes com HIV/AIDS dentro do contexto social deles. Primeiro conduziram 75 entrevistas etnográficas abertas para identificar “temas de linguagem” (p. 31), como culpa, propriedade e aceitação ou não-aceitação. Também fizeram 40 entrevistas semi-estruturadas que abordavam dados demo-

Quadro 7.1 *Questões transformadoras-emancipatórias para pesquisadores de métodos mistos ao longo de todo o processo de pesquisa*

Definir o problema e examinar a literatura

- Você examinou deliberadamente a literatura em busca de preocupações de grupos diversos e questões de discriminação e opressão?
- A definição do problema surgiu da comunidade interessada?

- Sua técnica de métodos mistos surgiu a partir do tempo útil passado com essas comunidades? (Por exemplo, construindo confiança? usando uma estrutura teórica apropriada diferente do modelo de déficit? desenvolvendo questões equilibradas positivas e negativas? desenvolvendo questões que geram respostas transformadoras, como as questões focadas em autoridade e relações de poder em instituições e comunidades?)

Identificar o projeto de pesquisa

- Seu projeto de pesquisa nega tratamento para algum grupo e respeita as considerações éticas dos participantes?

Identificar fontes de dados e selecionar participantes

- Os participantes dos grupos têm alguma associação com discriminação e opressão?
- Os participantes são apropriadamente rotulados?
- Há reconhecimento da diversidade dentro da população-alvo?
- O que pode ser feito para melhorar a abrangência na amostra, aumentando a probabilidade de que grupos tradicionalmente marginalizados sejam adequados e acuradamente representados?

Identificar ou construir instrumentos e métodos de coleta de dados

- O processo de coleta de dados e seus resultados vão beneficiar a comunidade que está sendo estudada?
- Os resultados da pesquisa terão credibilidade nessa comunidade?
- A comunicação com essa comunidade será eficaz?
- A coleta de dados vai abrir caminhos para participação no processo de mudança social?

Analisar, interpretar, relatar e usar os resultados

- Os resultados vão levantar novas hipóteses?
- A pesquisa vai examinar subgrupos (ou seja, usar análises múltiplas) para analisar o impacto diferencial em grupos diversos?

- Os resultados vão ajudar a entender e elucidar relações de poder?
- Os resultados vão facilitar a mudança social?

FONTE: Adaptado de D. M. Mertens (2003), "Mixed Methods and the Politics of Human Research: The Transformative-Emanicipatory Perspective", em Tashakkori e C. Teddlie (eds.), *Handbook of Mixed Methods in the Social and Behavioral Sciences*. Adaptado com permissão.

gráficos, rotina diária, uso de drogas, conhecimento dos riscos do HIV/AIDS e características sociocomportamentais em relação a drogas e sexo. A partir desses dados qualitativos, os autores usaram conceitos e questões para refinar as questões de acompanhamento, inclusive o projeto de instrumento quantitativo pós-intervenção. Os autores sugeriram que as técnicas de delegação de poder poderiam ser úteis na avaliação, com os pesquisadores ouvindo as vozes de pessoas reais e agindo com base no que dizem os participantes do programa.

O projeto deste estudo deu "primazia às dimensões baseadas em valores e orientadas para ação de diferentes tradições de investigação" (Greene e Caracelli, 1997, p. 24) em um estudo de métodos mistos. Os autores usaram uma lente teórica para reconfigurar a linguagem e o diálogo dos participantes, e eles anotaram a importância da delegação de poder na pesquisa.

Resumo

Os pesquisadores usam a teoria em um estudo quantitativo para dar uma explicação ou uma previsão sobre a relação entre as variáveis no estudo. Uma teoria explica como e por que as variáveis são relacionadas, agindo como um elo entre as variáveis. A teoria pode ser ampla ou restrita em seu escopo, e os pesquisadores apresentam suas teorias de diversas maneiras, como em uma série de hipóteses, declarações lógicas "se... então" ou modelos gráficos. Usando as teorias de dutivamente, os investigadores antecipam as teorias no começo do estudo, na revisão de literatura. Eles também incluem as teorias junto com as hipóteses ou questões de pesquisa, ou as colocam em uma seção separada. Um roteiro pode ajudar a elaborar a seção de teoria em uma proposta de pesquisa.

Na pesquisa qualitativa, os investigadores empregam a teoria como uma explicação ampla, de forma muito parecida com a pesquisa quantitativa, como nas etnografias. Também pode ser uma lente ou perspectiva teórica que levanta questões relacionadas a gênero, classe ou raça, ou uma combinação entre esses itens. A teoria também aparece como um ponto final de um estudo qualitativo, uma teoria gerada, um padrão ou uma generalização que emerge indutivamente da coleta e análise de dados. Os teóricos de teorias baseadas na realidade, por exem-

plo, geram uma teoria "baseada" na visão dos participantes e posicionam-na como conclusão de seus estudos. Alguns estudos qualitativos não incluem uma teoria explícita e apresentam a pesquisa descritiva do fenômeno central.

Os pesquisadores de métodos mistos usam a teoria tanto dedutiva (na pesquisa quantitativa) como indutivamente (na pesquisa qualitativa). Os pesquisadores também estão começando a identificar o uso de lentes ou perspectivas teóricas (por exemplo, relacionadas a gênero, estilo de vida, raça/etnia e classe) em seus estudos de métodos mistos. Um projeto transformacional-emanipatório incorpora essa perspectiva, e desenvolvimentos recentes identificaram procedimentos para incorporar essa perspectiva em todas as fases do processo de pesquisa.

Exercícios de redação

1. Redija uma seção de "perspectiva teórica" para seu plano de pesquisa seguindo o roteiro para discussão de teoria quantitativa apresentado neste capítulo.
2. Para uma proposta quantitativa que você está planejando, elabore um modelo gráfico das variáveis na teoria usando os procedimentos para projeto de modelo causal apresentados neste capítulo.
3. Localize artigos de periódicos qualitativos que (a) usem uma teoria *a priori* que seja modificada durante o processo de pesquisa, (b) gerem ou desenvolvam uma teoria ao final do estudo e (c) representem a pesquisa descritiva sem usar um modelo teórico explícito.
4. Localize um estudo de métodos mistos que use uma lente teórica, como uma perspectiva feminista, étnica/racial ou de classe. Identifique especificamente no artigo como a lente molda os passos dados no processo de pesquisa, usando o Quadro 7.1 como guia.

Leituras adicionais

Flinders, D. J. e Mills, G. E. (eds.), (1993). *Theory and concepts in qualitative research: Perspectives from the field*. Nova York: Teachers College Press, Teachers College, Columbia University.

David Flinders e Geoffrey Mills editaram um livro sobre perspectivas do campo "teoria em ação" – como descritas por diferentes pesquisadores qualitativos. Os capítulos ilustram pouco consenso para definir a teoria e saber se ela é um vício ou uma virtude. Além disso, a teoria opera em muitos ní-